

# Irã pode causar “catástrofe digital” ao ameaçar cabos submarinos em Ormuz

Category: GERAL, MUNDO, TECNOLOGIA e CIÊNCIA  
escrito por Maria Luiza | 18 de maio de 2026



Encorajado pelo bloqueio bem-sucedido do Estreito de Ormuz durante a guerra, o Irã está recorrendo a uma das artérias ocultas da economia global: cabos submarinos, no fundo do estreito, que transportam um vasto tráfego financeiro e de internet entre a Europa, a Ásia e o Golfo Pérsico.

O Irã quer cobrar às maiores empresas de tecnologia do mundo pela utilização dos cabos submarinos de internet instalados sob o Estreito de Ormuz, e os meios de comunicação ligados ao Estado ameaçaram que o tráfego poderia ser interrompido se as empresas não pagassem.

Os parlamentares em Teerã discutiram na semana passada um plano que poderia ter como alvo os cabos submarinos que ligam os países árabes à Europa e à Ásia.

“Vamos impor taxas sobre os cabos da internet”, declarou o porta-voz militar iraniano Ebrahim Zolfaghari no X na semana passada.

A mídia ligada à Guarda Revolucionária do Irã disse que o plano de Teerã para extrair receitas do estreito exigiria que empresas como Google, Microsoft, Meta e Amazon cumprissem a lei submarina iraniana, enquanto as empresas de cabo seriam

obrigadas a pagar taxas de licenciamento para a passagem de cabos, com direitos de reparo e manutenção concedidos exclusivamente a empresas iranianas.

Algumas destas empresas investiram nos cabos que atravessam o Estreito de Ormuz e o Golfo Pérsico, mas não está claro se esses cabos atravessam as águas iranianas.

Também não está claro como o regime poderia forçar as gigantes da tecnologia a obedecer, uma vez que estão proibidas de fazer pagamentos ao Irã devido às rigorosas sanções dos EUA; como resultado, as próprias empresas podem ver as declarações do Irã como uma apenas uma postura e não como uma política séria.

Ainda assim, os meios de comunicação social afiliados ao Estado emitiram ameaças veladas alertando sobre danos nos cabos que poderiam afetar alguns dos bilhões de dólares gastos na transmissão global de dados e a conectividade mundial à internet.

À medida que crescem os receios de que a guerra possa recomeçar após o retorno do presidente dos EUA, Donald Trump, da China, o Irã sinaliza cada vez mais que tem ferramentas poderosas à sua disposição para além da força militar.

Esta medida sublinha a importância do Estreito de Ormuz para além das exportações de energia, enquanto Teerã procura transformar a sua influência geográfica em um poder econômico e estratégico a longo prazo.

Os cabos submarinos constituem a espinha dorsal da conectividade global, transportando a grande maioria do tráfego mundial de internet e dados. Atacá-los afetaria muito mais do que a velocidade da internet: ameaçaria desde sistemas bancários, comunicações militares e infraestruturas de IA em nuvem até o trabalho remoto, jogos online e serviços de streaming.

As ameaças do Irã fazem parte de uma estratégia para

demonstrar a sua influência sobre o Estreito de Ormuz e garantir a sobrevivência do regime, um objetivo central da República Islâmica nesta guerra, disse Dina Esfandiary, chefe para o Oriente Médio na Bloomberg Economics.

“O objetivo é impor um custo tão elevado à economia global que ninguém se atreverá a atacar o Irã novamente”, disse ela.

Vários grandes cabos submarinos intercontinentais passam pelo Estreito de Ormuz. Devido aos riscos de segurança que já existiam há muito tempo com o Irã, os operadores internacionais evitaram deliberadamente as águas iranianas, agrupando a maioria dos cabos em uma faixa estreita ao longo do lado omanense da hidrovia, disse Mostafa Ahmed, investigador sênior do Centro de Pesquisa Habtoor, com sede nos Emirados Árabes Unidos, que publicou um artigo sobre os efeitos de um ataque em grande escala à infraestrutura de comunicações submarinas no Golfo.

No entanto, dois desses cabos, Falcon e Gulf Bridge International (GBI), passam pelas águas territoriais iranianas, disse Alan Mauldin, diretor de pesquisa da TeleGeography, uma empresa de pesquisa de telecomunicações.

O Irã não disse explicitamente que irá sabotar os cabos, mas declarou repetidamente através de autoridades, parlamentares e meios de comunicação ligados ao Estado a sua intenção de punir os aliados de Washington na região. Parece ser a mais recente técnica de guerra assimétrica concebida pelo regime para atacar os seus vizinhos.

Armado com mergulhadores de combate, pequenos submarinos e drones subaquáticos, o Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) representa um risco para os cabos submarinos, afirmou Mostafa Ahmed, acrescentando que qualquer ataque poderia desencadear uma “catástrofe digital” em cascata em vários continentes.

Os vizinhos do Irã no Golfo Pérsico poderão enfrentar graves

interrupções na ligação à internet, potencialmente afetando as exportações críticas de petróleo e gás, bem como o setor bancário. Para além da região, a Índia poderá ter uma grande parte do seu tráfego de internet afetada, ameaçando a sua enorme indústria de terceirização com prejuízos que chegam a bilhões, segundo Ahmed.

O estreito também é um corredor digital importante entre centros de dados asiáticos, como Singapura, e algumas estações de aterragem de cabos na Europa, disse Ahmed. Qualquer interrupção também poderá prejudicar o comércio financeiro e as transações transfronteiriças entre a Europa e a Ásia, enquanto partes da África Oriental poderão enfrentar apagões na internet.

E se os grupos aliados do Irã decidirem empregar táticas semelhantes no Mar Vermelho, os danos poderão ser muito piores.

Em 2024, três cabos submarinos foram cortados quando um navio atingido por combatentes Houthi do Iêmen, apoiados pelo Irã, arrastou a sua âncora pelo fundo do mar enquanto afundava, interrompendo quase 25% do tráfego da internet na região, de acordo com a HGC Global Communications, com sede em Hong Kong.

Embora o impacto dos danos nos cabos possa ser elevado no Oriente Médio e em alguns países asiáticos, a TeleGeography afirmou que “os cabos que atravessam o Estreito de Ormuz representam menos de 1% da banda larga internacional global em 2025”.

## **A guerra de cabos não é nova**

O primeiro telegrama transatlântico foi enviado através de um cabo submarino em 1858, transportando uma mensagem de felicitações de 98 palavras da Rainha Vitória da Inglaterra ao Presidente dos EUA, James Buchanan, que demorou mais de 16 horas para chegar. A importância dos cabos submarinos cresceu

exponencialmente desde então.

Hoje, uma única fibra ótica em cabos submarinos modernos pode transportar dados equivalentes a cerca de 150 milhões de chamadas telefônicas simultâneas à velocidade da luz, de acordo com o Comitê Internacional de Proteção de Cabos.

A prática de interromper cabos de comunicação subaquáticos remonta a quase dois séculos, desde a instalação do primeiro cabo telegráfico no Canal da Mancha, em 1850. Entre os atos iniciais da Primeira Guerra Mundial, a Grã-Bretanha cortou os principais cabos telegráficos da Alemanha, interrompendo as suas comunicações com as suas forças.

A maioria dos danos nos cabos modernos resulta em interrupções mínimas porque as operadoras podem redirecionar rapidamente o tráfego através da rede global de cabos submarinos. No entanto, qualquer dano em grande escala hoje teria consequências muito maiores do que na era do telégrafo, dada a dependência quase absoluta do mundo dos fluxos de dados através destes cabos.

A guerra no Irã também poderá complicar seriamente as tentativas de reparação de cabos, uma vez que os navios de manutenção devem permanecer parados durante longos períodos enquanto reparam as falhas, dizem os especialistas. Para aumentar o desafio, dos cinco navios de manutenção que normalmente operam na região, apenas um permanece dentro do Golfo Pérsico, segundo Mauldin.

## **Comparação com o Canal de Suez**

Os meios de comunicação iranianos enquadraram a proposta de cobrar pelos cabos submarinos que passam pelas suas águas como estando em conformidade com o direito internacional, citando a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (UNCLOS) de 1982, que inclui disposições que regem os cabos submarinos.

Embora o Irã tenha assinado mas não ratificado a convenção,

ela é considerada pela comunidade jurídica como vinculativa ao abrigo do direito internacional consuetudinário. O Artigo 79 da CNUDM diz que os estados costeiros têm o direito de estabelecer condições para a entrada de cabos ou gasodutos no seu território ou mar territorial.

Os meios de comunicação iranianos apontaram o Egito como um precedente. O Egito aproveitou a localização estratégica do Canal de Suez para acolher muitos cabos submarinos que ligam a Europa e a Ásia, gerando centenas de milhões de dólares anualmente em taxas de trânsito e licenciamento.

O Canal de Suez, no entanto, é uma via navegável artificial escavada em território egípcio, enquanto o Estreito de Ormuz é um estreito natural regido por um quadro jurídico diferente, segundo um especialista em direito internacional.

“É claro que, para os cabos existentes, o Irã tem de cumprir o contrato que foi feito quando o cabo foi instalado”, disse Irini Papanicolopulu, professor de direito internacional na Universidade SOAS de Londres. “Mas para os novos, qualquer Estado, incluindo o Irã, pode decidir se e em que condições os cabos podem ser instalados no seu mar territorial.”

Esfandiary, da Bloomberg Economics, disse que o Irã “teoricamente sabia” que tinha influência sobre o estreito, mas não tinha certeza de quão significativo seria o impacto se agisse sobre essas ameaças.

Agora, acrescentou ela, Teerã “descobriu o impacto”.

Fonte: cnnbrasil e Publicado Por: Jornal Folha do Progresso  
18/05/2026/06:23:11

*O formato de distribuição de notícias do [Jornal Folha do Progresso](#) pelo celular mudou. A partir de agora, as notícias chegarão diretamente pelo formato Comunidades, ou pelo canal uma das inovações lançadas pelo WhatsApp. Não é preciso ser assinante para receber o serviço. Assim, o internauta pode*

ter, na palma da mão, matérias verificadas e com credibilidade. Para passar a [receber as notícias](#) do Jornal Folha do Progresso, clique nos links abaixo siga nossas redes sociais:

- [Clique aqui e nos siga no X](#)
- [Clica aqui e siga nosso Instagram](#)
- [Clique aqui e siga nossa página no Facebook](#)
- [Clique aqui e acesse o nosso canal no WhatsApp](#)
- [Clique aqui e acesse a comunidade do Jornal Folha do Progresso](#)

*Apenas os administradores do grupo poderão mandar mensagens e saber quem são os integrantes da comunidade. Dessa forma, evitamos qualquer tipo de interação indevida. Sugestão de pauta enviar no e-mail: [folhadoprogresso.jornal@gmail.com](mailto:folhadoprogresso.jornal@gmail.com).*

**Envie vídeos, fotos e sugestões de pauta para a redação do JFP (JORNAL FOLHA DO PROGRESSO) Telefones: WhatsApp [\(93\) 98404 6835](#)– (93) 98117 7649.**

“Informação publicada é informação pública. Porém, para chegar até você, um grupo de pessoas trabalhou para isso. Seja ético. Copiou? Informe a fonte.”

*Publicado por Jornal Folha do Progresso, Fone para contato 93 981177649 (Tim) WhatsApp: [-93- 984046835](#) (Claro)  
-Site: [www.folhadoprogresso.com.br](http://www.folhadoprogresso.com.br) e-mail: [folhadoprogresso.jornal@gmail.com](mailto:folhadoprogresso.jornal@gmail.com)/ou e-mail: [adeciopiran.blog@gmail.com](mailto:adeciopiran.blog@gmail.com)*

[Lignosulfonato de sódio no Brasil: onde e por que ele é utilizado](#)